

## ANÁLISE DO DISCURSO II

### LINGUA(GEM), MOLA PROPULSORA?

*Regina Fernandes Costa (UFF)*

...sempre que tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos da minha própria experiência. Era por pensar reconhecer nas coisas que via, nas instituições com que tinha que ver, nas minhas relações com os outros, brechas, abalos surdos, disfunções, que empreendia um tal trabalho – um qualquer fragmento de biografia. (Michel Foucault)

Para falar, sucintamente, de minha dissertação de mestrado, *Língua(gem), Mola propulsora?*, dividirei este artigo em duas partes. Na primeira, apresento os principais elementos que a compõem; na segunda, transcrevo parte de seu primeiro capítulo, intitulado *Curriculum Vitae*.

#### 1ª PARTE

A dissertação de mestrado *Língua(gem), Mola Propulsora?* apresenta como *tema* a importância de uma nova prática de leitura e como *objeto de estudo* o discurso empresarial, via discurso pedagógico-tecnista, pretendendo não só compreender o funcionamento desse discurso, em alguma medida, como também refletir sobre a formação de um leitor crítico, capaz de compreender o funcionamento da linguagem em termos discursivos, isto é, quanto aos dois pólos que caracterizam os processos de produção de sentidos: o parafrástico, que busca a manutenção dos sentidos, e o polissêmico, que ressignifica sentidos cristalizados.

*Língua(gem), Mola Propulsora?* fundamenta-se teoricamente no quadro epistemológico da Análise de Discurso francesa, de Michel Pêcheux.

Esse suporte teórico fundamenta a reflexão sobre como a análise do discurso empresarial pode possibilitar a compreensão do modo de produção linguístico-histórico-ideológico dos sentidos e, dessa

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

forma, contribuir para a leitura do mundo profissional, partindo, indiretamente, da realidade das secretárias como redatoras de textos administrativos que exigem delas o conhecimento de certas fórmulas, técnicas, modelos, padrões, além do domínio da norma culta, da linguagem formal. Do texto dessas profissionais, é exigido exatidão, coerência das ideias, clareza, concisão e tom cortês. Tendo em vista que todo esse conhecimento pode ser exercitado por manuais de redação empresarial, selecionou-se para compor o *corpus* empírico dois livros de redação:

1º *Correspondência Comercial* (Pelo Processo da Assimilação) de Automar Oehlmeyer, de 1963 (9ª edição).

2º *Redação Empresarial* – Escrevendo com Sucesso na Era da Globalização, de Miriam Gold, de 1999 (1ª edição).

Ler discursivamente esses dois livros de redação comercial/empresarial/oficial, com 36 anos de intervalo entre eles, significa fazer uma leitura que articula o linguístico com o histórico.

Para fazer essa leitura, os recortes feitos nos dois livros buscam analisar a concepção de língua, de gramática, de leitura: sujeito e sentido, vigentes na época em que os dois autores publicaram seus manuais: 1963, Automar Oehlmeyer; 1999, Miriam Gold.

A análise desses recortes possibilitou a seguinte formulação-síntese dos componentes da linguagem empresarial, uma linguagem que se pretende homogênea, unívoca e que deve funcionar na era da globalização como “mola de sobrevivência e do lucro” (Gold, 1999): Língua padrão; gramática padrão; gramática textual; leitura parafrásica; sentido único; sujeito igual a sei próprio, consciente e autônomo.

Mas, nesta breve apresentação, pretendo destacar como o estudo da teoria da Análise de Discurso de Michel Pêcheux afetou minha leitura. Para tanto, apresentarei a seguir o primeiro capítulo de *Língua(gem), Mola Propulsora?* Nele, faço a releitura de meu próprio currículo à luz da teoria estudada. Afinal, como diz Eni Orlandi, aprende-se a ler mais de uma vez.

## ANÁLISE DO DISCURSO II

### 2ª PARTE

#### *Curriculum Vitae*

O “apagamento” não tem um sentido negativo, pois: 1. ele é a própria possibilidade de transmutação do sujeito em suas múltiplas formas e funções; e 2. ao colocar-se socialmente, o sujeito-autor se percebe subjetivamente. O apagamento é constitutivo do sujeito. É um modo de existência do sujeito: um procedimento pelo qual ele se constitui. Em resumo: o apagamento faz parte das condições de produção do sujeito. (Orlandi)

O processo de seleção da vida profissional de um aspirante ao mercado de trabalho empresarial geralmente começa com uma entrevista e com a análise de seu *Curriculum Vitae*. Para que sua apresentação pessoal permaneça não apenas na memória do entrevistador, mas também de forma palpável, concreta, o candidato entrega seu *Curriculum Vitae* com informações relevantes, tais como: seu objetivo, sua experiência e formação. Considerado de função utilitária, tal documento deve ser claro, conciso e objetivo.

Tanto a entrevista quanto o *Curriculum* representam práticas padronizadas. A primeira, oral, julga o candidato não apenas por sua aparência, seu modo de vestir-se, de comportar-se, mas também pelo que fala e *como* fala. A segunda, escrita, pressupõe a observância de um padrão gráfico-visual determinado. Na verdade, todos os *papéis* do mundo empresarial caracterizam-se por uma padronização determinada. Contraditoriamente, no entanto, a contratação depende ao mesmo tempo daquilo que homogeneiza, isto é, desse padrão oral, visual e gráfico, e daquilo que diferencia, certa personalização discreta. Caso contrário, o *Curriculum Vitae* se perde entre tantos outros e a chance de conseguir a vaga se esvai. Em outras palavras, dentro desse padrão imposto há o desafio imperioso de que se produza com alguma dose de originalidade.

Tanto a prática oral – entrevista – quanto a escrita – *Curriculum* – representam etapas do processo de seleção que pressupõem um modo de ler e de interpretar por parte daqueles que representam o departamento de Recursos Humanos. Tais sujeitos-leitores apreendem o inteligível e o interpretam, a partir de sua posição, de acordo com o padrão determinado pela empresa. Assim, selecionam o candidato mais adequado.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

No entanto, há outras maneiras de se ler um *Curriculum Vitae*. A Análise de Discurso francesa (Pêcheux), por exemplo, ensina a ler na materialidade linguística a exterioridade sócio-histórico-ideológica. Foi esse enfoque discursivo que me levou a problematizar a leitura desse documento. Para tanto, segui as pistas impressas.

Com esse olhar, releio meu *Curriculum Vitae* e descubro, pela forma em que me fui inserindo no mercado de trabalho, a questão deste estudo.

Iniciei minha vida profissional em empresas. Durante dez anos, trabalhei em sete companhias. Ocupei diferentes cargos – datilógrafa, secretária bilíngue, secretária executiva, estenodatilógrafa.<sup>14</sup>

Redigi, portanto, seis cartas de demissão, seis tentativas de romper com uma forma de trabalho repetitiva. A mudança frequente de empresa indica resistência a um modo de trabalhar padronizado, sempre a reproduzir a palavra do chefe, a palavra ditada, estenografada, datilografada, rascunhada – a palavra do outro. Mais que isso, indica ainda a ilusão de que ao mudar para uma empresa diferente a insatisfação terminaria. Ledo engano, pois a posição sujeito continuava a mesma e, dessa forma, permanecia a sensação de incompletude e apagamento.

Naqueles anos cinzentos, de 1962 a 1973, período em que predominou o governo militar no Brasil, a palavra era extremamente cerceada. Lembro que naquela ocasião era comum aparecer nos jornais, em classificados de emprego solicitando secretárias, o requisito *redação própria*. No entanto, consoante àquele momento político, ter redação própria não significava ter autoridade, no sentido de ser autor, de ser capaz de criatividade. Significava apenas que a secretária após receber instruções sobre o que dizer, seria capaz de produzir determinado texto (carta, relatório, requerimento etc.), dentro dos padrões exigidos pela redação técnica, “com suas próprias palavras”, que, na verdade, repetiam as palavras do outro. Sem dúvida alguma, uma secretária que atendesse a esse requisito poupava o tempo do chefe e, por essa razão, era mais bem paga.

---

<sup>14</sup> Aquele que é, a um tempo, estenógrafo e datilógrafo. (Ferreira, 1999, p. 832) Estenografia: escrita abreviada e simplificada, na qual se empregam sinais que permitem escrever com a mesma rapidez com que se fala. (Ferreira, 1999, p. 833)

## ANÁLISE DO DISCURSO II

Na escrita empresarial, não parece haver movimento entre o processo parafrástico (o mesmo) e o polissêmico (o diferente). A secretária está presa ao pólo parafrástico. Falta o polissêmico, portanto, para que haja movimento. Assim, a prática dessa profissional se caracteriza pela produtividade, e não pela criatividade. Eni Orlandi (2000 [1999], p. 37) esclarece a distinção entre esses dois conceitos:

A “criação” em sua dimensão técnica é produtividade, reiteração de processos já cristalizados. Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dízível: produz a variedade do mesmo. (...) Já a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes.

Daí o tédio que o trabalho linguístico da secretária e do professor de redação empresarial pode provocar.

Entretanto, é na instância da autoria da secretária com redação própria que ocorre seu maior apagamento. “É da representação do sujeito como autor que mais se cobra sua ilusão de ser origem e fonte de seu discurso. É nessa função que sua relação com a linguagem está mais sujeita ao controle social.” (Orlandi, 1999 (1988), p. 78). Ao atuar dentro dos moldes já construídos, a secretária deve produzir o sentido único e desambiguizado, dentro do padrão culto da língua portuguesa. Nas palavras de Eni Orlandi:

É do autor que se exige: coerência, respeito às normas estabelecidas, explicitação, clareza, conhecimento das regras textuais, originalidade, relevância e, entre outras coisas, unidade, não contradição, progressão e duração de seu discurso, ou melhor, de seu texto. (Orlandi, 1999(1988), p. 75/76)

Dando continuidade à releitura de meu *Curriculum*, pude compreender um movimento em busca de outras posições-sujeito, tais como professora e pedagoga. No entanto, curiosamente, essa movimentação, de alguma forma, retoma a questão delineada no início da vida profissional em empresas. Isto porque passei a dar aulas de redação empresarial nos cursos de Recepcionista e Secretária no Senac, de 1995 a 2000. Mas, desta feita, minha função era “ensinar” como se escreve dentro dos modelos prescritos pela redação empresarial. A partir de 2001, após a reestruturação radical da instituição-Senac, agora, não mais estruturada nos moldes de escola, mas nos de

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

empresa, assumi a posição de *monitora (free-lancer)* da Oficina de Comunicação dos cursos técnicos do Senac-Niterói. Minha função agora é a de ensinar a língua portuguesa como instrumento de comunicação para que os futuros prestadores de serviços não percam seus clientes. Assim, a questão inicial da resistência ao apagamento re-apresenta-se.

No entanto, percebo, ainda, sob as listas, digitadas no *Curriculum*, de cursos feitos, de monografias escritas, de projetos realizados e, também, sob o texto que compõe este estudo, aquela mesma questão dos tempos de trabalho em empresas. Afinal, a questão da autoria é a questão do sujeito e das duas ilusões que o constituem.

Para concluir esta apresentação pessoal e, por essa razão, escrita em primeira pessoa do singular, esclareço que a releitura de meu *Curriculum Vitae* serviu não apenas para identificar de onde nasce meu objeto de estudo e como buscar alcançá-lo em alguma medida, mas também para ressaltar que um *Curriculum* não é apenas uma certidão de nascimento e de “morte” do trabalhador, há muito a ser lido no entremeio...

Assim, minha aposentadoria não passa de um registro na carteira profissional. Meu tempo de serviço não acabou. Em outras palavras, as de Riobaldo (Rosa, 1988, p. 15): “O mais importante e bonito, no mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.” Tal como a língua(gem). Tal como os discursos.

O primeiro capítulo termina com as palavras de Riobaldo, mas vou retomá-las para concluir este artigo. A releitura do *Curriculum Vitae* acrescenta a esse documento uma reflexão sobre ele mesmo: *as posições sujeito não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas vão sempre mudando*. O conflito entre uma posição sujeito que se quer padronizada e uma posição sujeito de resistência a essa padronização pôde ser compreendido quando ocupei a posição sujeito analista do discurso. Nessa posição reflexiva, fiz do discurso empresarial, via discurso pedagógico-tecnicista, objeto de estudo, objeto de análise.

## **ANÁLISE DO DISCURSO II**

### **BIBLIOGRAFIA**

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 6ª ed. Lisboa: Veja Passagens, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MARIANI, Bethania. Linguagem e história (ou discutindo a lingüística e chegando à análise do discurso). **In:** *Caderno de Letras: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras*. Nº 12 – Ciências da Linguagem. Niterói/2º. Semestre/1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso; princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000 (1999)

———. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez, 1999.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.